

ENTREVISTA

A historiografia de David Birmingham

David Birmingham's Historiography

La Historiografia de David Birmingham

Alexsander Gebara*

David Birmingham nasceu na Inglaterra em 1938, estudou em escola francesa na Suíça no pós-guerra, trabalhou como assistente social na Alemanha dos anos 50, formou-se em História, em Gana, nesta mesma década. Posteriormente, durante seu doutoramento na Universidade de Londres, trabalhou com arquivos coloniais portugueses sobre Angola no início do período moderno. Além de sua tese, *Trade and conflict in Angola: the mbundu and their neighbors under the influence of the Portuguese, 1483-1790*, publicou outros vinte livros no decorrer dos cinquenta anos que se seguiram. Em conjunto com Phyllis Martin publicou *History of Central Africa*, em três volumes, com grandes contribuições sobre Angola e Moçambique. Merecem destaque ainda outros dois volumes de ensaios, chamados de *Portugal and Africa* e *Empire in Africa: Angola and its neighbours*. Ele também escreveu sobre a história de Portugal, publicado em cinco línguas pela editora Cambridge, e uma história dos primórdios do comércio atlântico, *Trade and Empire in the Atlantic*. Sua carreira docente é dividida em duas partes, uma na London School of Oriental and African Studies e outra na University of Kent, mas foi também professor visitante na China, Califórnia, Tanzânia, Congo e Camarões.

Sua primeira experiência docente foi como *lecturer* na disciplina de História da América Latina, em Gana e possui uma vasta produção sobre história da África portuguesa, em especial sobre Angola, tendo sido pioneiro neste tema em língua inglesa com a publicação em 1966 de sua

*Professor de História da África no departamento de História da Universidade Federal Fluminense.
<algebra@gmail.com>

já mencionada tese de doutorado na importante e fundadora coleção de estudos africanos de Oxford. Esta série abriu espaço para uma vigorosa historiografia africana e africanista preocupada então com a reflexão sobre o passado africano antes da colonização europeia, como forma de valorizar a história do continente e com a construção de narrativas fundadoras de identidades nacionais dos países recém independentes ou em luta pela independência.

A amplitude temática e temporal de sua produção, bem como a constante vinculação à esta área de estudos ao longo das últimas décadas, orientando diversos trabalhos, participando de produções coletivas como os volumes da História da África da Unesco e de Cambridge, fazem dele, certamente, uma das maiores referências no campo. De seus estudos sobre as formações políticas africanas na época moderna e contemporânea, caminhou para pesquisas sobre o período colonial propriamente dito e finalmente sobre Angola independente mostrando-se um historiador completo e profundo conhecedor da história tanto do envolvimento português com o continente africano quanto da história das formações políticas, das economias e das sociedades africanas propriamente ditas.

Assim, D. Birmingham foi um intelectual ativo durante décadas de grande transformação para o continente africano tanto nas conjunturas históricas (das independências até a construção e consolidação dos estados nacionais no continente africano), quanto nas tendências historiográficas (do período das historiografias nacionalistas ao das críticas pós coloniais), mantendo sempre as características marcantes de capacidade de síntese e profundidade de suas análises estruturais.

Com esta longa trajetória, publicou recentemente um livro de divulgação sobre a história de Angola, intitulado *A short History of Modern Angola* que embora esteja fortemente ancorado em sua grande erudição, em fontes diversas e nas mais recentes produções sobre o tema, apresenta uma narrativa concisa e clara, tornando a leitura um grande prazer tanto para o leigo como para o especialista.

Desta forma, uma entrevista com ele parece extremamente significativa dentro dos objetivos deste dossiê da *Revista de Estudos Ibero Americanos*, sobre os 40 anos de independência das ex-colônias portuguesas na África.

David recebeu-me muito gentilmente em sua casa em Canterbury e conversamos durante algumas horas sobre diversos temas, mas especialmente a respeito de sua relação com a historiografia da África lusófona. O resultado, em parte, é transcrito a seguir.

- **Gebara:** Uma das coisas que chamam a atenção sobre o seu trabalho é o grande escopo temporal abarcado, uma vez que você publicou desde trabalhos sobre o período entre os séculos XVI e XVIII até temas referentes ao colonialismo e mesmo sobre Angola independente. Como você explica esta característica?
- **David Birmingham:** Bom, a primeira pesquisa foi para fazer o doutorado, utilizei os arquivos de Angola, os arquivos ultramarinos de Lisboa e também os arquivos missionários, sobretudo os capuchinhos que foram da Itália para Angola no século XVII. Então, depois de terminar o doutorado, há cinquenta anos eu publiquei um pequeno livro sobre Angola no século XVI, XVII e XVIII. E anos depois, uma vez tendo acabado este trabalho, percebi que precisava pensar sobre o século XIX e XX. Então, havia vários documentos acumulados durante esses cinquenta anos indo para Angola e viajando no território, visitei, todas as províncias de Angola, só não visitei o Cuando-Cubango no sudeste. Todas as outras eu visitei. Então, pensei, em escrever alguma coisa sobre a história recente desses territórios. Inclusive sobre o que se passou, sobretudo, entre as décadas de 1960 e 1980, com guerras infinitas em Angola entre os colonizadores e os nacionalistas, e depois as guerras civis, que foram guerras de diferentes grupos sociológicos de Angola, grupos regionais, em parte, imprecisamente, grupos étnicos, mas vamos colocar assim: grupos modernos angolanos que tiveram uma perspectiva diferente, grupos do norte, grupos da cidade, grupos do planalto, cada um com uma agenda política bastante diferente, e num período de conflito severo em Angola, e com uma participação importante também dos vizinhos, dos sul-africanos que fizeram também a sua política ao norte da fronteira e os congoleses que fizeram uma política ao sul da sua fronteira ao norte de Angola. Então, havia uma penetração de exércitos dos vizinhos que fizeram de Angola uma situação bastante grave, com muitas pessoas deslocadas, muitos tiveram que descer do planalto para a costa. A situação das vilas na costa era mais segura com possibilidades de fornecimento de comida vinda de fora, quando a situação dos camponeses era bastante grave.

- Sua relação com os estudos africanos começou diretamente com as pesquisas sobre Angola ou já havia um interesse anterior sobre temáticas da história africana? Enfim, como se deu seu envolvimento inicial com o continente?
- Há muito tempo meu pai foi professor na costa ocidental da África. Era professor de economia política na Universidade da Costa do Ouro, atual Gana, e depois de terminar meus estudos numa escola da

Suíça fui visitar meu pai na África e gostei muito da África. Então, depois de fazer o serviço nacional¹ voltei para África para seguir meus estudos de bacharel na Universidade de Gana e nesta época era normal para estudantes fazer trabalho de tradução do latim para inglês. Uma vez que não havia documentos em Latim para costa ocidental, decidi fazer a tradução de documentos portugueses. Fui então para Coimbra num curso de férias de seis semanas para aprender português para ler os documentos, que era o que precisava para concluir meus estudos então. Depois eu obtive uma bolsa para estudar os arquivos coloniais de Portugal, minha licenciatura foi sobre a história da África.

- Gostaria de perguntar sobre o ambiente acadêmico desta época na Inglaterra. Sabemos que ao menos desde a década de 1950 desenvolveu-se uma tradição de estudos sobre diversas regiões do continente africano, em especial as que tinham uma experiência colonial vinculada à Grã-Bretanha. Você poderia falar um pouco deste ambiente de estudos africanos anglófonos e das relações com sua trajetória pessoal? E talvez do início dos estudos Africanos em termos gerais?
- Sim, sim. Começou já no fim dos anos 40, quando a Universidade de Londres criou algumas universidades coloniais. Assim, nos anos 40 quando se pensava já na Inglaterra, ainda não na França ou em outros lugares, numa futura independência para as colônias inglesas, fizeram duas ou três Universidades coloniais, uma na Costa no Ouro, outra na Nigéria e outra em Uganda, e lá começaram a oferecer aulas de história da África e ao mesmo tempo havia alguns africanos que vieram para Londres para fazer o doutoramento sobre África ocidental, mais tarde sobre oriental, mas sobretudo ocidental, e depois quando acabei meu doutoramento em Londres, voltei para África ocidental para ensinar dois anos lá e depois me convidaram para voltar para Londres. Desde o início da década de 1960 temos uma licenciatura de história da África na Universidade de Londres. Na mesma altura começava a se ensinar história de África nos Estados Unidos, então, os grupos anglofônicos passaram a oferecer disciplinas de História da África. Um pouco mais tarde começaram também os franceses, a fazerem a mesma coisa, uma Universidade se formou em Dakar no Senegal, nos anos 50. Na Bélgica ainda um pouco depois, mas criou-se uma Universidade em Kinshasa

¹ O serviço nacional na Grã Bretanha era obrigatório, entretanto, não necessariamente militar. D. Birmingham disse que “como opositor consciente do serviço militar, servi em cargo civil, nas áreas de agricultura, saúde e assistência social”.

onde também se começaram a fazer estudos sobre história da África. Nos anos sessenta sobretudo, começou a se fazer isso, e depois houve uma explosão de estudos na África toda, com a abertura talvez de trinta ou quarenta Universidades no continente africano. Posteriormente a UNESCO começou a fazer uma história da África com 8 volumes, a maioria dos contribuintes eram africanos, havia uma parte de fora, eu mesmo contribui, escrevendo capítulos sobre a história da África. Mas sobretudo, reunia a nova geração de historiadores da Nigéria, do Quênia, e também do norte, do Egito também. Eu escrevi as partes sobre a história da África lusófona. Conhecia muito bem Angola e um pouco de Moçambique também. E a ideia era fazer uma história da África de dentro da África. Ao mesmo tempo já havia estudos sobre África na Inglaterra, na França e nos Estados Unidos. Em Portugal muito menos, havia um periódico em Portugal que se publicou desde os anos 80 que se chama *Revista Internacional de Estudos Africanos*, se me lembro bem... Publicou obviamente angolanos, depois de 1974 passou a haver a Universidade Nova de Lisboa onde também evoluiu o interesse sobre a África. Era um assunto mais ou menos ignorado em Coimbra, mas na Nova, havia professores de história e antropologia que tiveram algum interesse, com cursos sobre África e programas de mestrado para estudantes portugueses e alguns que vieram também da África para cursar.

- No que diz respeito aos processos pós independência da África, que antes estava sob dominação colonial portuguesa, muito pouco do futuro projetado e desejado para os países lusófonos independentes se realizou, não é?
- Em 1974 pensava-se que a independência de Angola, e também de Moçambique, estavam ligadas a independência dos vizinhos. Moçambique, sobretudo, era ligado a África do Sul. Para se ter uma ideia da proximidade da ligação, os carros andavam do lado esquerdo da rua em Moçambique, por influência da África do Sul. E se pensava que essa ligação seria mais forte depois da independência o que não aconteceu. Em Angola, é interessante, as pessoas se pensavam mais próximas do Brasil do que da África, as ligações entre Angola e os países vizinhos eram bastante distantes. O aspecto interessante é que boa parte da classe média em Angola era de gente que falava sobretudo português e não utilizava as línguas indígenas de Angola. Mais recentemente o presidente de Angola disse que a língua nacional era o português, não o quimbundo nem ovimbundo, nem umbundo, etc... que são as línguas da

população rural de Angola. Disse “a nossa língua nacional é das cidades, e a língua das cidades é o português”. Parece que as ligações eram difíceis com Portugal depois de uma guerra colonial de 20 anos, as ligações com o Brasil eram, talvez mais estreitas. Mas, agora, as relações entre Portugal e Angola são bastante importantes e depois da crise econômica de Portugal (em 2008) há muitos portugueses que voltaram para a África. Várias fontes falam em cerca de 130 mil portugueses em Angola atualmente. Número surpreendente quando lembramos que no final do período colonial o número de colonos alcançou 250 mil portugueses enquanto havia talvez 500 mil em Paris. Porque os portugueses preferiam trabalhar na Europa e não nas colônias da África. Já agora, é verdade que são muitos portugueses que trabalham em Angola. Mas suponho que se pode falar do colonialismo negativo, há gente em Angola que tem dinheiro do petróleo e que está a investir em Lisboa, em bancos, e em outras companhias em Portugal, que tem sido compradas por angolanos. São filhos do presidente de Angola, especialmente Isabel, a primeira mulher a ter investimentos de mais de 1 bilhão de dólares.

- E no período pós independência, como ficou o quadro de desenvolvimento das universidades e dos estudos superiores?
- Havia um problema em Angola. No início havia só uma Universidade a Universidade Agostinho Neto, mas ela vivia com falta de pessoal, de professores e os cursos foram dados sobretudo por gente que veio do governo e de empresas, para dar aulas de vez em quando, havia poucos professores profissionais. Depois houve o desenvolvimento de outras instituições ao nível mais ou menos universitário, como a Universidade Católica, a Universidade do presidente, as Universidades das províncias, em Huambo por exemplo, em Lubango, até no Sumbe. Da última vez que eu visitei Angola havia uma dúzia ou mais de Universidades, cada uma com poucas possibilidades de cursos, poucas possibilidades de ensino, porque a falta de professores é ainda muito grande. Havia também o problema em Angola da falta de possibilidade de publicações. Então, havia gente que queria escrever textos históricos e tinha grande dificuldade em disseminá-los. Um aspecto interessante, foi a chegada, depois da independência, de um número significativo de cubanos que vieram trabalhar no ensino, que vieram para trabalhar na medicina, no saneamento, e nos ministérios. Eles convidaram vários historiadores para irem para Cuba e eles foram mandados estudar a questão da identidade nacional de Angola, por que se pensava que muitos angolanos tinham uma identidade que não era nacional, uma identidade que era regional,

então tentaram fazer um estudo de historia da nação angolana. Parece que pouco saiu desses projetos. Conheço dez pessoas que foram para Cuba, não sei se tiveram muito êxito em publicar estudos históricos em Cuba. Depois várias pessoas fora da África publicaram sobre esse período. Tem um livro que saiu recentemente sobre as relações entre Cuba e Angola, é sobre a história desta época, dos anos 70 e 80. Há também um livro que saiu aqui na Inglaterra do Ricardo Soares de Oliveira sobre Angola depois do fim da guerra civil em 2002, dos últimos quinze anos mais ou menos, sobre a historia de Angola, uma época dominada pelo desenvolvimento da indústria do petróleo. É preciso ter em conta que há algum tempo comprava-se petróleo por 140 dólares o barril e agora, esta semana, o preço do petróleo está em pouco mais de 30 dólares o barril. Se é uma época de crise severa no Brasil, é uma época de crise ainda mais severa em Angola, porque Angola tem dívidas com todo o mundo, feitas com o preço do barril estimado em 100 dólares e agora falta este dinheiro.

- Você tem sugestão de temas e questões que podem ser produtivas para a historiografia sobre os países falantes de português na África hoje? Agora é momento para história social, política?
- Ora, se você olhar para a história social, a grande divisão em Angola é entre a história urbana e a história rural. E como houve um boom do petróleo durante a primeira década pós independência, as pessoas mudaram-se em massa do campo para as cidades. Luanda na independência tinha 500 mil pessoas, e hoje tem talvez 7 milhões de pessoas vivendo lá. Esta enorme explosão de desenvolvimento em áreas urbanas e uma concomitante erosão relativa das condições da vida no campo, gerou um grande desequilíbrio. Os camponeses ainda vivem com cerca de um dólar por dia em algumas regiões, enquanto nas cidades há um crescimento relativo de uma classe média e também uma classe governante extremamente rica.

Quanto à história política, o que você tem que observar é que estamos falando de um país que ao invés de ser democrático, é governado por 15 famílias que controlam uma vasta proporção da renda, e que não necessariamente investe esta renda no desenvolvimento das províncias, e muitos investem no exterior, muitos em Lisboa, nos setores de mídia, no setor bancário, etc... Parte deste dinheiro é investido inclusive no Brasil. Não sei exatamente a proporção de investimentos angolanos no Brasil, mas é provavelmente uma parcela significativa. Os historiadores brasileiros têm que se perguntar sobre a natureza da relação entre Angola pós-guerra e o Brasil e talvez concluam que este investimento é de fato

um tanto significativo. E em caso de resposta positiva, perguntar-se em que área os Angolanos estão investindo no Brasil, seria em terra? No setor imobiliário urbano? Na indústria? Eu não sei a resposta para isto, mas é o tipo de questão que os historiadores de Angola precisam começar a se colocar. Portanto, história social, história urbana, história dos investimentos, são todos grandes temas que merecem receber atenção.

- Finalmente, uma última pergunta sobre a razão de ter voltado à história de Angola e escrito um livro de divulgação publicado recentemente, intitulado *A short history of modern Angola*?
- A razão de ter saído da aposentadoria e ter escrito mais um livro sobre Angola foi que minha grande amiga e colega Jill Dias, que estava escrevendo uma história moderna de Angola morreu inesperada e repentinamente em 2008 quando já tinha começado a juntar diversos de seus artigos e pesquisas para publicar um livro. O editor dela então me pediu para tentar escrever um livro bem curto para substituir o que não iria mais ser produzido. Eu ainda não sei se já chegou ao Brasil, mas está sendo muito bem recebido tanto na Grã Bretanha como em Portugal.

Referências

BIRMINGHAM, D. *A Short History of Modern Angola*. New York: Oxford University Press, 2015.

HATZKY, Christine. *Cubans in Angola*. South-South cooperation and Transfer of knowledge, 1976-1991. University of Wisconsin Press, 2015.

OLIVEIRA, Ricardo Soares de. *Magnificent and Beggar Land: Angola since the Civil War*. Londres: Hurst, 2015. [Versão portuguesa: *Magnífica e miserável: Angola desde a Guerra Civil*. Lisboa: Tinta da China, 2015.]

Autor/Author:

ALEXSANDER GEBARA <algebara@gmail.com>

• Professor de História da África no departamento de História da Universidade Federal Fluminense. Mestre e Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Autor de *A África de Sir Richard Francis Burton: antropologia, política e livre comércio* e de artigos sobre as relações anglo africanas em meados do século XIX, com ênfase na análise de relatos de viagens como fontes para a história africana.

◦ Professor of African History, Department of History at the Universidade Federal Fluminense. Master and PhD in Social History from the Universidade de São Paulo (USP). Author of *A África de Sir Richard Francis Burton: antropologia, política e livre comércio* and papers about the Anglo-African relationships in the middle 19th century, with emphasis in the analysis of travel reports as sources to African History.